

Destaques

Editorial

Com a edição deste número da IM. Inter-museus, termina a primeira série do que se pensou ser um veículo de conhecimento e informação, dos e para os museus da Rede Regional de Museus dos Açores. Se bem que, inicialmente, apenas num formato de circulação interna, alcançou, depois, e com a colaboração da RPM, modalidade de divulgação nacional que, ultimamente, tem vindo a ser optimizada através do acesso ao mailing list disponível no site da rede que, também neste número, divulgamos.

A viagem que agora chega ao fim dedicou cada número a um dos organismos da rede tutela pela DRaC, e fez eco das notícias e acontecimentos que foram marcando os museus. O balanço, satisfatório, aponta já novos caminhos que passam pela necessidade de cumprimento de calendários, formato menos pesado e monográfico.

Serão estes, portanto, os desafios que esperamos apresentar já no próximo IM-Intermuseus.

Boas Férias.

Maria Manuel Velasquez,
Chefe de Divisão do Património Móvel e Imaterial

Editor: Presidência do Governo Regional dos Açores
Direcção Regional da Cultura

Coordenação geral: Maria Manuel Velasquez

Coordenação editorial: João Paulo Constância
Rosa Veloso

Design: Carlos Sousa

Paginação: Rui Marques

Colaboradores nesta edição: Catarina Garcia
Luís Filipe Vieira
Manuel Costa Júnior
Mercês Meneses

E-mail: museus.info@azores.gov.pt

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu das Flores



Luís Filipe Vieira, Director do Museu

→ O Museu das Flores tem sede no convento de São Boaventura e gere o espaço da fábrica da baleia do Boqueirão. O Museu das Flores tem a sua origem na Casa de Etnografia da Ilha das Flores, criada pelo D.R.R. n.º 25/77/A, de 5 de Setembro. Para esse fim a então Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Secretaria Regional da Educação e Cultura adquiriu a Casa Pimentel de Mesquita que recuperou em absoluto respeito pelos materiais e técnicas de construção

originais. O edifício seiscentista abriu ao público no final do ano de 1986, com uma exposição alusiva à fição e tecelagem que se estendia por duas salas. Os restantes compartimentos foram ocupados com mobiliário dos sécs. XVIII, XIX e primeiras décadas do século XX, na sua maioria produzido localmente com madeiras autóctones e exóticas, em regra, provenientes de naufrágios. Pretendia-se recriar o ambiente de uma casa abastada da ilha das Flores. Este núcleo encontra-se desactivado e está a ser adaptado para instalar a biblioteca municipal. ←

Intervenção arqueológica /antropológica no Convento de São Gonçalo

Pág.
04
/05

Catarina Garcia



Governo Regional dos Açores adquire colecção de arte baleeira

Pág.
07

Manuel Costa Júnior



■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu das Flores

O Convento e a Igreja de São Boaventura

→ O D.R.R. n.º 40/91/A, de 25 de Novembro, transformou a Casa de Etnografia da ilha das Flores em Museu das Flores, cuja sede passou para o Convento de São Boaventura, edifício restaurado entre 1990/1993, onde ficaram instaladas as colecções etnográficas e de arte religiosa.

O convento tem a sua origem numa escritura de doação do padre Inácio Coelho lavrada em Santa Cruz das Flores, a 26 de Junho de 1641, disponibilizando meios para que a obra pudesse começar. Convento e igreja ficaram implantados na zona meridional da vila, próximo da Rua das Poças, que é a última para a banda do sul, com fachada virada ao nascente. No final do séc. XVII o edifício era habitado por sete religiosos que viviam da instituição do padroado do padre Inácio Coelho e de outras ajudas e vínculos entretanto criados.

O advento do liberalismo pôs termo à comunidade religiosa, quando, em 17 de Maio de 1832, se extinguíram as ordens religiosas e os frades do Convento de São Boaventura juntaram-se aos do Convento de Nossa Senhora do Rosário da então Vila da Horta. Os imóveis e os seus bens passaram para a Fazenda Nacional. O convento foi arrematado e permaneceu em mãos de particulares até



Convento e Igreja de São Boaventura

ser comprado por António Vicente Peixoto Pimentel para doá-lo à Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz das Flores e lá instalar um hospital e asilo de mendicidade. Este notável filantropo desenvolve, em Lisboa, campanhas de angariação de fundos para poder implementar o seu projecto que para além da saúde alargava os esforços a tudo o que servisse ao desenvolvimento material, intelectual e moral das Flores.

O convento serviu de hospital para além de meados do séc. XX. Com a chegada dos franceses a fachada foi amputada em metade da sua extensão para ser construída uma nova unidade hospitalar. Ao velho imóvel foi destinada uma nova valência ao serviço das gentes florentinas — albergar o Externato da Imaculada Conceição —, na transição do milénio voltam a atribuir-lhe uma nova missão — a de Museu das Flores.

A igreja é um espaço relativamente amplo e alto, de planta rectangular, sem transepto e nave única. O tecto de madeira, em abóbada de berço, é pintado e abundam os motivos vegetalistas e antropomórficos. A capela-mor é alta e profunda; no corpo da igreja existem dois altares adossados às paredes laterais.

Nos retábulos da igreja, a madeira dominante é o cedro e a sua concepção e montagem é, provavelmente, posterior a 1727. Trata-se de uma obra de talha policromada onde o desenho e a gramática decorativa são, no essencial, arcaicos, embora se notem elementos ornamentais característicos de um

período posterior: falsas cortinas, sanefas e marmoreados.

No exterior temos um frontispício delimitado por duas pilastras e dividido verticalmente por outro par de pilastras, todas levemente ressaltadas. Uma cornija e uma cimalha determinam três corpos horizontais. No entablamento, um nicho central abriga a imagem, em terracota, de São Boaventura.

A Fábrica da Baleia do Boqueirão

A antiga fábrica do Boqueirão, localizada nas imediações de Santa Cruz, irá constituir um núcleo do Museu das Flores. Actualmente encontra-se em obras de recuperação e ampliação. Neste núcleo será instalado um projecto museográfico, eminentemente didáctico, elaborado pela equipa do arquitecto Rui Pimentel.

A vocação do Museu das Flores

O território representado pelo Museu das Flores está perfeitamente limitado pela geografia. Porém, as ligações que a ilha manteve ao longo dos séculos, mercê da sua localização geostratégica privilegiada para a navegação, implicam que se relacione o seu passado com os continentes que a circundam. Por isso, as colecções testemunham a ligação das Flores e das suas gentes com as duas margens do Atlântico possuindo →



Altar-mor da Igreja de São Boaventura

objectos etnográficos relativos à agricultura, pecuária, tecelagem, artefactos ligados às pescas costeiras e à baleia, *scrimshaw* e instrumentos de navegação e uma grande quantidade de salvados resultantes de naufrágios ocorridos nos mares das Flores. O Museu das Flores assume como dominante uma vocação de museu marítimo.

É nosso objectivo que este seja um local agradável, descontraído e dinâmico pólo de discussão e reflexão de temas actuais de

relevante interesse para a comunidade que serve. É no permanente diálogo entre o passado e o futuro que vai acontecendo o presente que se procura responder às necessidades actuais da sociedade.

Nesta perspectiva têm sido levadas a cabo exposições temporárias de artes plásticas, fotografia, promovidos concertos de vários géneros musicais, apresentadas peças de teatro e pequenos cursos de formação na área da fotografia e da pintura.

grelhadores conhecidos localmente por tijolos para cozer bolo, fabricou-se telha e conheceram-se duas experiências de produção de louça doméstica na Fajãzinha e no Lajedo, no final do séc. XIX, que tiveram vida efémera. A produção incapaz de rivalizar em preço com os produtos importados não sobreviveu para além de 1911.

Toda a cerâmica vidrada foi importada da Terceira, da Lagoa, de Lisboa e do Porto. A cerâmica não vidrada era proveniente dos centros oleiros de Vila Franca do Campo e Santa Maria.

Cont. pág. 8

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu das Flores

As colecções

Agricultura

→ Os primeiros povoadores depararam com um território completamente ocupado pelas espécies endémicas que tinham crescido livremente ao longo dos milénios. É, pois, com a ajuda da enxada, do sacho, do machado e do arado que o povoador vai abrir as primeiras clareiras de terra fértil para se-mear o sustento que garanta o êxito do povoamento. O trilho, a pá e o rodo que debulhavam o trigo na eira; o carro de bois, a canga e um vasto grupo de artefactos utilizados na agricultura completam este conjunto de peças ligadas à actividade agrícola.

Pesca

O mar era a única coisa abundante nos primórdios da ocupação humana — como ainda hoje é — e terá sido explorado desde essa altura. Uma lancha de pesca de 1928 e respectiva palamenta, vários tipos de canas de pescar, armadilhas para cavacos e lagostas constituem um importante testemunho da pesca tradicional.

Navegação

O sistema de circulação de ventos e correntes no Atlântico e as limitações técnicas e científicas conferiram às Flores um importante papel na ajuda à navegação oceânica, no regresso à Europa das viagens de África, Índia e Américas. Neste enquadramento temos vários instrumentos de navegação como sejam sextantes, octantes, bússolas e cartas náuticas.

Cerâmica

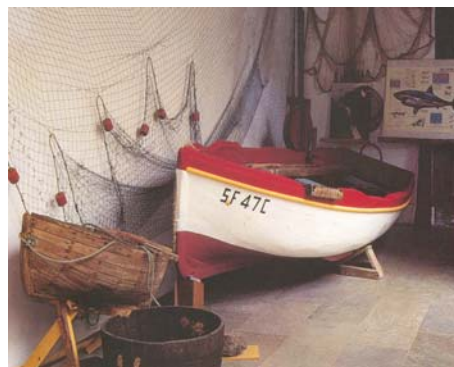
A primeira referência à qualidade do barro das Flores é encontrada em Frei Diogo das Chagas que assinala a existência de diversos barreiros dispersos pela ilha. Dele fizeram-se



Odómetro



Octante



Lancha de pesca

Museu das Flores

→ Projectos

O plano de actividades contempla dois grandes eixos: a organização interna e o serviço educativo. Quanto ao primeiro, vamos prosseguir a nossa política de inventário que já está adiantada e completar a base de imagens, começar o tratamento de um vasto espólio fotográfico que recentemente entrou e já está a ser utilizado nos dois grandes projectos que temos entre mãos: o programa museológico da fábrica da baleia do Boqueirão que já está terminado e na exposição de longa duração no Convento de São Boaventura recentemente adjudicado.

A componente de serviço educativo foi no presente ano reforçada consideravelmente. Há um tema comum a todas as iniciativas que é o mar para ser trabalhado a partir do espólio museológico. Esta iniciativa destina-se exclusivamente ao público infantil.

Apoiamos a iniciativa da DRaC de promoção da leitura infanto-juvenil através da realização de uma acção de formação da responsabilidade de Mafalda Milhões que se revelou um sucesso no número de participantes.

Em colaboração com a Associação Oficina de Angra realizamos um curso de iniciação à pintura de acrílico sobre tela, dirigido a adultos, que contou com um bom número de participantes.

Tentamos ter no período de maior afluência de público uma exposição de um nome de referência das artes plásticas. Este ano, já foi inaugurada, no Dia Internacional dos Museus, uma mostra de fotografia de Eduardo Nery.

Web Links


Site Entrada

<http://www.museus.azores.gov.pt>

Comentário: <http://www.museus.azores.gov.pt> é o link de acesso ao portal dos museus da Rede Regional de Museus dos Açores, criado no âmbito do projecto "Museus em Rede – Século XXI" (projecto co-financiado pelo FEDER / PRAI – Açores) com o objectivo de constituir um ponto de acesso privilegiado a diversos conteúdos relacionados com os museus dos Açores – sua história, seus acervos e suas actividades e serviços.

Entrando neste portal e a partir da primeira página, podemos aceder a várias sectores. O sector Rede Regional é composto por um breve historial do projecto Rede Regional de Museus, missão e objectivos; por legislação referente ao regulamento interno comum e disposições específicas de cada um dos museus da Rede; por formulários necessários à execução dos regulamentos internos; e pela estatística do movimento de visitantes desde 1994.

O sector Museus é composto por cada um dos 8 museus da Rede, e contém informação sobre a sua missão, história, acervo, localização, serviços, funcionamento, notícias, agenda, exposições e uma visita virtual às suas instalações.

Outro dos sectores, Intermuseus, disponibiliza os vários números desta folha informativa, podendo o visitante subscrever, on-line, a sua *mailing list*.

A partir da primeira página podemos aceder a outros sectores, nomeadamente às Exposições, à Agenda e às Notícias de todos os museus da Rede.

As Coleções e a Loja são sectores que serão disponibilizados brevemente.

E, finalmente, através de um registo, entramos nos Recursos Didácticos, espaço vocacionado para a comunidade escolar.


Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu
**Museu das Flores
 Coleções**
Fiação e tecelagem

← A distância que separa as Flores das outras ilhas e a pobreza das gentes obrigaram ao desenvolvimento de uma economia baseada na autoprodução. Os pastos abundantes proporcionavam alimento a grandes rebanhos de ovinos cuja lã era fundamental para a confecção de vestuário, mantas e colchas de padrões cromáticos variados obtidos a partir de uma série de plantas endémicas ou introduzidas pelo homem.

O linho igualmente cultivado para aproveitamento têxtil e fins medicinais, proporcionava uma fibra mais fina que era utilizada na produção de roupa mais leve, para o período quente, e na confecção de vistosas toalhas.

A fiação e tecelagem destas duas fibras obrigava a possuir uma considerável quantidade de objectos que começam no ripão, massa, grama, sedeiro, fuso, roca, roda de fiar e tear para enumerar apenas alguns.

Os lactínicos

No final do séc. XIX começa a desenvolver-se um novo produto na economia local. É o nascimento da indústria de lactínicos, com especial incidência na produção de manteiga, que atravessou todo o séc. XX chegando aos nossos dias, embora com grandes oscilações. Em 1892, nas Lajes, constituiu-se uma sociedade para a produção de manteiga e queijo com vista à exportação. No ano de 1916 o Padre José Furtado Mota funda, no Lajedo, a primeira cooperativa agrícola, designada Sindicato agrícola da ilha das Flores. Esta experiência repetiu-se noutras freguesias. Até nós chegou um conjunto significativo de latas de transporte de leite e natas, desnatadeiras, batadeiras, formas de queijo e embalagens para exportação de manteiga.

Scrimshaw

A proeminência de açorianos a bordo das baleeiras americanas atingiu tal importância que Herman Melville alude à sua coragem, força e destreza em *Moby Dick*. O interesse



Dente de cachalote

dos florentinos pela captura de baleias, a partir de terra, filia-se nos contactos com os americanos por via da emigração clandestina, nas barcas baleeiras, onde aprenderam a técnica.

O desenvolvimento da actividade ao longo de mais de um século produziu uma série de artefactos relacionados com a pesca e com o artesanato que utilizou o osso e o dente como matéria-prima. Um bote e respectiva palamenta, a fábrica de transformação e uma série de ferramentas de corte e desmanche de cetáceos são testemunhos integrantes do Museu das Flores.



Scrimshaw

A colecção de *scrimshaw* é composta por objectos de uso quotidiano e de natureza ornamental. Entre os primeiros contam-se moitões, agulheiros, caixa de costura, tasquinha, saleiros e espichas; na segunda categoria de objectos encontramos miniaturas de barcas baleeiras, botes, brincos, colares e dentes gravados pelos mais destacados artistas que trabalharam este material. ←